

SEGUNDA-FEIRA

5

OUTUBRO

1931

Alma Popular

Jornal republicano, literário e noticioso, defensor dos interesses do concelho d'Oliveira do Bairro e da região bairrada. radina

Propriedade da Empresa da «ALMA POPULAR»

Editor — Mário d'Oliveira da Silva Briosa

FUNDADORES E DIRECTORES

Dr. Manuel dos Santos Pato
Tiago A. Ribeiro

Redacção, Administração e Tipografia

OLIVEIRA DO BAIRRO

Dois aniversários

FAZ anos a República. Completa mais um aniversário também a *Alma Popular*.

Dois aniversários que nos enchem de entusiasmo e de orgulho.

A República atinge agora a sua maioridade. A *Alma Popular* completa treze anos de existência.

E' dia festivo, de regosijo, o 5 de Outubro? Sim, é sempre alegre e de entusiasmo o dia em que se alcança a meta de mais um aniversário. E' dia festivo para a República, porque completa vinte e um anos.

Apresentamos, pois, hoje a República, a formosa moça muito portuguesa, de 21 anos, erguendo com firmeza, sorridente e alegre, o fogacho luminoso da Liberdade, envolvida com o seu mais rico manto de gala — a bandeira verde rubra. E' assim que Ela, a República, ao completar as suas 21 primaveras, sauda, com enternecido amor e carinho de boa mãe, os seus filhos, o Povo português, as suas irmãs espalhadas pela Europa, vivendo também com efusiva alegria a Liberdade, a Justiça e o Direito.

Ao entrar o nosso jornal a *Alma Popular* em mais um ano de publicidade honesta e de princípios aquecidos ao sol radioso da Democracia, saúdamos do fundo do coração os nossos queridos assinantes, os nossos anunciantes, colaboradores e colegas, assim como todos os cidadãos que contribuem para o bem da Pátria e da República.

A nossa eterna saudade vai para os velhos combatentes e para aquela desprendida mocidade que tinham a República como o seu melhor, encantador e florido jardim, e que morreram com os olhos fitos na bandeira verde-rubra, em defeza da Pátria e da Democracia, por saberem que, se os regimens democráticos impõem deveres, também dão iguais direitos!

Que uma Paz risonha, uma calma apeteçada venha aquecer, iluminar os homens de bem do nosso País, deixando caminhar o carro evolutivo da Democracia onde a nova mentalidade segue, apregoando a Liberdade, evocando as lutas sagrentas do passado, que deram margem à conquista dessa mesma Liberdade, que não se deve perder depois de tanto sacrifício e martirólogo.

Do norte ao sul, do poente ao nascente do País, que se ouça este nosso grito:

Viva a República!

Viva o 5 de Outubro!

Viva a Liberdade!

Tito.

Toda a civilização europeia vive da fé na Liberdade, e a História ensina-nos que acabam sempre por se degradar os povos em que essa fé amortece.

5 de Outubro de 1910

MMORREU a monarquia! A notícia do triunfo das ideias liberais ecôa, como um relâmpago, de norte a sul do País.

O último Bragança, ao ouvir troar o primeiro tiro de canhão, embarca espavorido na Eriçeira, procurando o caminho do exílio; e o Povo português, hasteando a bandeira verde-rubra, elimina de Portugal o regimen dos adian-

tar, como tem lutado, com uma caterva de reacçãoários que tudo pretendem subjugar aos seus instintos canibalescos.

A estes diremos que tratem doutra vida, visto que nem a ser portugueses teem direito, pois a sua pátria é Roma; e áqueles que tomaram a espinhosa missão da fundação e conservação da *Alma Popular*, dir-lhes-hemos que é preciso continuar na luta, ainda que nessa luta tenhamos de perecer, mas não sem que gritemos com toda a fôrça dos nossos pulmões:

Viva a República!
Viva a Liberdade!

FERMENTELOS, Outubro de 1931.

João Martins Pereira.

Toda a máquina precisa de óleos; por isso, toda a casa necessita de anuncios, porque de contrário emperra, não anda. Anunciai no nosso jornal se quereis pôr fóra os vossos artigos.

Salvé,

5 de Outubro de 1910!

FAZ hoje precisamente 21 anos que, após um combate heróico, aonde se demonstrou exuberantemente o desprestígio das instituições monárquicas, foi implantada a República Portuguesa, no meio do maior regosijo.

Passado um ano fomos assistir ás festas comemorativas que se efectuaram em Lisboa, e ali nos foi dado observar de perto que o entusiasmo do Povo se conservava intacto, como na primeira hora do triunfo! Todas as artérias da cidade, incluindo a pitoresca e grandiosa Avenida da Liberdade, que se estende de Praça dos Restauradores até ao Parque Eduardo VII, matizada de relva e flores, regorgitavam de povo, parecendo um verdadeiro mar humano.

Era gente de todos os recantos de Portugal, que ali estava com um pouco da sua alegria, emprestando uma parcela de brilho ás festas do primeiro aniversário da República. Uma manifestação grandiosa e deslumbrante, uma coisa nunca vista!

Viva a República! Viva a Liberdade!

Coincide também com a gloriosa data de 5 de Outubro outro aniversário que não podemos deixar passar despercebido aos nossos leitores: é a passagem do décimo terceiro ano do nascimento da *Alma Popular*, o jornal que sempre tem defendido a República e a Democracia com todo o ardor, nunca fugindo das normas da boa educação. Também tem estado ao lado dos interesses do Povo da Bairrada, sendo acolhido por este com enternecido carinho.

A *Alma Popular* tem sofrido mil contrariedades, mas vai singrando por este mar encapelado, porque tem como timoneiros os seus dignos Directores, homens inteligentes e probos, que teem sabido remover dificuldades e limar arestas logo que apareçam. Oxalá que o décimo quarto ano tenha o horizonte mais limpido, para que a *Alma Popular* possa expandir as suas sãs doutrinas mais à vontade.

Um abraço, pois, a todos os que trabalham lá na casa, incluindo os dignos Directores, os colaboradores, assinantes e anunciantes.

OIS DA RIBEIRA (Ageda), Outubro de 1931.

A. d'Almeida.



tamentos e proclama a sublime trilogia escrita com o sangue dos mártires: — Liberdade, Igualdade e Fraternidade!

Parece impossível que, passados 21 anos, ainda haja homens leccionando cursos universitários, e alunos dos mesmos, que pensem em reabilitar novamente a depauperada monarquia dos adiantamentos, ou melhor ainda, a monarquia da degenerada Carlota Joaquina, encarnada na pessoa do bedelho Duarte Nuno, que nem sequer conhece o País que viria governar, cingindo-se apenas ás teorias da tia Aldegundes.

Ponham essas teorias balôfas para o cesto dos papéis velhos, que, por mais que sejam espremidas, não dão sumo algum.

Os grandes problemas sociais não se resolvem actualmente pelos vossos processos. As ideias democráticas triunfam, ainda que pese aos integralistas portugueses.

Faz hoje anos também a *Alma Popular*, e não cumpriríamos o nosso dever se a não felicitássemos, incitando ao mesmo tempo todo o corpo redactorial a que continue seguindo a linha traçada desde o seu início, ainda que tenha de lu-

Sombras que passaram...

O dia dois de Outubro de 1910 calhara a um domingo, na noite do qual se realizou uma sessão de propaganda republicana na antiga sede da Sociedade Promotora de Educação Popular, á rua de Alcântara, n.º 6-2.º, se a memória me não atraíção.

O dr. João de Menezes e Sá Pereira puzeram todo o calor do seu entusiasmo nas palavras avidamente escutadas por algumas centenas de pessoas, que ali foram a saudar os caudilhos da Democracia. Pela Liga da Mocidade Republicana de Alcântara falou o meu camarada Florentino Lopes Martins — hoje hóspede do Grande Hotel da Cova, roubado á vida na flôr da idade. Na manhã de 3 fui para a minha ocupação, como ajudante do guarda-livros da extinta Companhia dos Açucareiros de Moçambique. A tarde, de regresso a casa, onde me esperava a santa que o Destino me deu por mãe, encontrei, em frente á Casa do Povo, o meu correligionário António Rodrigues de Almeida Santos, que me segredou: — «Zé! Hoje è que queremos vêr quem è homem!»

Já, áquela hora, se sabia do assassinato do professor Miguel Bombarda. Depois de jantar meti na algibeira um quasi inofensivo revólver espanhol e fui ás vozes — como sói dizer-se. E soube, então, que a revolta devia deflagrar na madrugada de 3 para 4. Juntei-me aos que formavam o grupo chefiado por Frankim Lamas. Dêsse grupo faziam parte operários, empregados comerciais, comerciantes e industriais. Reunimo-nos na sede da Sociedade Promotora. Havia outros grupos no Grémio Republicano e no Centro Bernardino Machado. Conversava-se, jogava-se o bilhar, fazia-se blague. Dir-se-ia que não nos esprei-

tava a todos a sombra da morte — quem sabe se a deportação, em caso de sermos derrotados. Mas em nada disso pensávamos. O entusiasmo pela luta titânica que se avizinhava, fazia-nos esquecer tudo quanto se relacionasse com o nosso eu. A causa que iamõs defender empolgávamos. E, foi assim que marchámos para a luta, depois dos tres tiros de peça disparados de bordo dos navios revoltosos. Alguns pagaram com a vida o entusiasmo e a crença na República. Outros ficaram de pé, para suportarem toda uma longa série de desenganos e desilusões — que os êrros dos homens nos fizeram conhecer... e amargar. Dêsses que ficaram de pé, nenhum ainda desertou do seu pôsto. Não desertou — nem desertará, embora hoje todos nós militemos em partidos diferentes. Eu continuo militando no que servi até essa data — no grande partido da República, no grande exército da Democracia. Estou, para assim dizer, no partido que tem por chefes, que tem por dirigentes únicos —

Os Mortos!

E os mortos mandam.

E, de norte a sul, de êste a oeste, sente-se atravessar por todo o País, batendo o ambiente, chicoteando as almas, êste brado, êste grito, êste sinal: — FIRMES! E a êsse sinal, a êsse grito, a êsse brado nós respondemos:

VIVA A REPÚBLICA!

S. João da Pesqueira, Douro, Outubro de 1931.

José Manuel de Deus.

Assinar a «Alma Popular» è contribuir para a defeza da República e dos direitos a que tem jus o Povo.

Salvé, 5 de Outubro!

Passa no próximo dia 5 de Outubro mais um ano sobre a proclamação da República Portuguesa. A tão fausto acontecimento não pode ficar indiferente todo aquele que, além de sangue lusitano, sinta correr nas suas veias a essência da Liberdade, da Democracia. Assim, os republicanos da freguesia de Palhaça, não deixarão passar despercebida tão gloriosa data.

A's 3 horas da manhã — início da Revolução — far-se há ouvir uma salva de 21 tiros.

A's 15 horas chegará a famosa e discutida banda do Troviscal, que, depois de percorrer as ruas principais da Freguesia, subirá a um coreto, onde até ás 19 horas tocará algumas peças brilhantemente regidas pelo maestro José d'Oliveira. Esta manifestação será também coadjuvada pela flarmónica de Palhaça.

... e entre os acordes patrióticos da Portuguesa, a nossa fé radica-se mais e gritaremos com mais vigor:

VIVA A PÁTRIA!

VIVA A REPÚBLICA!

PALHAÇA, 1 de Outubro de 1931.

Um Grupo de Republicanos.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Comandante Rocha e Cunha

Vai deixar a cidade de Aveiro o comandante sr. Silvério Ribeiro da Rocha e Cunha que, durante muitos anos, chefiou a Capitania do Porto de Aveiro.

Caracter impoluto, republicano de princípios, coração diamantino, homem despido de vãos preconceitos, modesto, trato afaivel e de uma delicadeza sem limites, tais são os nomes de algumas medalhas que cobrem o peito do disciplinado marinheiro e grande amigo da cidade de Aveiro, sr. comandante Rocha e Cunha.

Juntamos estas nossas singelas palavras ás homenagens de despedida feitas ao indefectível democrata e ilustre marinheiro que vai ser promovido a capitão de mar e guerra e comandar o cruzador «República».

A sua ex.ª desejamos muitas e sinceras felicidades.

ECOS

NÃO FURTARÁS!

PRECEITUA o n.º 7 dos Mandamentos da Lei de Deus — Não furtar.

No entanto, gente que se diz religiosa, que passa o tempo pelas igrejas a orar e a bater no peito, que usa «bentinhos» e quejandas manifestações de fanatismo — que não de fé sincera e ardente! — comete a cada passo êsses feios pecados — furtar, cubiçar as coisas alheias.

O Rito de Pombal, que desfalçou o Estado em 5 mil contos, era católico praticante e zelador da Senhora de Fátima que, pelos modos, também foi vigarizada.

Amador Rebelo, autor do desfulque de 8 mil contos no Banco Nacional Ultramarino, onde foi empregado, era tido no meio lisboeta como das pessoas mais religiosas, mais tementes a Deus, mais assíduas frequentadoras de igrejas.

E aquele Cerquinho, a que nos referimos no último número, que confessou à policia o furto dum cheque de 20 libras, è um fanático religioso, segundo se depreende do bentinho que trazia ao peito contendo aquela oração que os leitores já conhecem.

Estes e outros crentes semelhantes professam realmente a religião? Sim, professam, mas a religião do Mal.

São falsos adeptos das sublimes doutrinas de Cristo, infelizmente numerosos por êsse mundo além.

Grandes pantomineiros!...

MUITO BEM!

TEMOS aqui por várias vezes afirmado que não hostilizamos sistematicamente qualquer religião; estigmatizamos, sim, aqueles que, exteriorizando religiosidade, cometem os actos mais indignos, os crimes mais nefandos, as intolerâncias mais revoltantes.

Mas já que verberamos os maus actos dos que se dizem religiosos, devemos também exaltar os bons. E' o que, gostosamente, vamos fazer.

Sendo verdadeira, como su-

PELOS CORREIOS

Em virtude de se encontrar de licença a sr.ª D. Maria Georgina d'Azevedo, digna chefe da Estação Telégrafo-Postal desta vila, está aqui a substitui-la o sr. Manuel da Silva Valente.

pomos, uma notícia vinda no Século de 6 de Setembro, o rev. Pároco de Valadares e o sr. Bispo do Porto merecem o nosso aplauso pelo gesto que lhes é atribuído e que relatamos sucintamente:

Um individuo, decerto ausente, no estrangeiro, ofereceu 14 contos para uma festa religiosa que devia efectuar-se em Valadares. Porém, quando essa quantia chegou já a festividade se havia realizado, pelo que aquelas duas entidades resolveram que a mencionada verba fôsse aplicada na construção dum edificio escolar.

Muito bem! Muito bem!

PECUÁRIA

A propósito das considerações que a Alma Popular tem feito sobre a crise da Lavoura, um agricultor veio até nós e contou o seguinte:

— Há dois anos — diz — comprei uma junta de bois por 4 contos. Apesar de estarem agora mais gordos, acabo de os vender por 2.000\$00. Mas como pedisse o dinheiro emprestado, paguei de juro, á taxa de 12% 960 escudos. Perdi, portanto, 2.960\$00, além de 160 e tantos escudos de contribuição pelas duas rezes que, apesar de não ser carreiro, paguei á Junta de Freguesia e á Câmara Municipal.

E como êste, muitos outros — todos os criadores de gado. Isto é, em qualquer dos ramos da Agricultura, a crise se torna insupportavel e com tendências a piorar ainda mais.

REMATE CÓMICO

NUMA alfaiataria:

O freguês — Só posso pagar-lhe êste fato daqui a tres meses.

O alfaiate — Ora essa! A nossa casa não faz questão dessas coisas.

O freguês — E quando estará pronto o fatinho?

O alfaiate — Daqui por tres meses e meio.

General Norton de Matos

Partiu para Pau, onde vai fixar residência, o antigo ministro da República e governador geral de Angola, sr. general Norton de Matos.

Ao ilustre republicano, desejamos uma feliz viagem.

Trovas Populares

Assubi ao limoeiro,
Cinco folhinhas cortei,
Cinco sentidos que tinha
Todos em ti empreguei.

O meu coração do teu
E' custoso de apartar;
E' como a alma do corpo
Quando Deus a quer levar.

Espero pelo domingo
Como pela salvação,
Para tomar água benta
Onde o amor mets a mão.

Sociedade

REGRESSOS

De Lisboa regressou a Oiã o nosso assinante, sr. José Diniz Ferreira dos Santos.

ESTADAS

A' sua casa de Bustos chegou, acompanhada de sua filha, a sr.ª D. Elisa da Anunciação Costa Moreira, professora aposentada daquela localidade.

— Em casa da sr.ª D. Rosa de Araujo, encontram-se nesta vila o sr. engenheiro Ribeiro Lima, sua esposa e filhinhos.

— Tem estado no Troviscal, com sua esposa, mãe e gentis filhas, o nosso amigo, sr. Cipriano Neto, retirando no próximo dia 6 do corrente para Aveiro.

PARTIDAS

Retirou para Coimbra o sr. dr. Domingos Ramon, que durante algum tempo aqui fez uma cura de repouso.

— Depois de aqui terem passado uns dias, retiraram para Alhandra o nosso assinante, sr. Virgilio d'Azevedo Costa, sua mulher e filha, acompanhando-os também a sr.ª Maria Neta.

TERMAS E PRAIAS

Encontram-se na Praia de Espinho a sr.ª D. Maria Augusta de Albuquerque e Sousa, sua mãe e filha; D. Maria de França Martins, filha e netos; José Maria Rodrigues Reu, esposa e filhinho.

— Regressaram das Termas de S. Pedro do Sul o nosso assinante, sr. António Simões da Costa, desta vila; e do Gerez os também nossos assinantes, srs. Alfredo Pereira Veiga, de Bustos; e Alvaro Marques, da Palhaça.

— Igualmente regressou de S. Pedro do Sul, com sua esposa e filhinhos, o nosso amigo, sr. Bernardo Seabra.

Pela imprensa

«República»

Reapareceu novamente, no dia 28 de Setembro, o nosso colega República, que, sob a inteligente direcção do intranzigente republicano, sr. Ribeiro de Carvalho, continúa apregoando os bons princípios republicanos.

As nossas saudações.

O JORNAL

E' o jornal que refere e que explica ao Povo os diferentes fenómenos da sua vida política, da sua vida social, da sua vida económica.

E' o jornal que faz a crítica das instituições e dos costumes.

E' o jornal que estabelece o critério porque têm de ser julgados os factos da vida civil e da vida moral.

E' o jornal que eleva ou que deprime o nível da inteligência pública.

E' o jornal que fixa para a multidão o ponto de vista nas altas questões de honra, da dignidade e do dever.

Ramalho Ortigão.

